

Herbert Moritz Caro: exílio e vida no Brasil

Izabela Maria Furtado Kestler

This article offers a general view on the historical circumstances regarding the exile of Herbert Caro in Brazil. It also informs on his intellectual and professional background, based on official documents and research material as well as on an interview that the author realized with Herbert Caro in 1988.

Keywords: German Jews; History of exile; Exile in Brazil

1 Introdução

Neste artigo abordarei alguns aspectos da vida e da trajetória intelectual de Herbert Caro, cujo centenário de nascimento foi lembrado em 2006. No decorrer da minha pesquisa sobre o exílio de intelectuais e escritores no Brasil, realizada de 1987 a 1991, que resultou na tese de doutoramento intitulada *Die Exilliteratur und das Exil der deutschsprachigen Schriftsteller und Publizisten in Brasilien*,¹ defendida e publicada em 1992 na Alemanha e na versão em português com o título de *Exílio e literatura. Escritores de fala alemã durante a época do nazismo em 2003*,² tive a oportunidade única de entrevistar Herbert Caro em Porto Alegre em 18 de dezembro de 1988. Antes já tinha trocado algumas cartas com ele não só para marcar a entrevista, como também para lhe relatar sobre a minha pesquisa então em andamento. Na época eu ainda morava na Alemanha, onde estava preparando minha tese de doutoramento. Caro já era uma referência muito importante na minha vida acadêmica em função de sua atividade como tradutor para o português de obras máximas da literatura em língua alemã do século XX, notadamente das obras de Thomas Mann, Hermann Hesse e Elias Canetti. Fui a Porto Alegre na ocasião exclusivamente para visitá-lo. Passamos várias horas naquela tarde ensolarada do dia 18 de dezembro conversando a maior parte do tempo em português sobre as circunstâncias de sua vinda para o Brasil e sobre sua trajetória intelectual e profissional. Num português pleno de sotaque e sonoridades de sua língua materna, Caro foi desfiando aos poucos os acontecimentos de sua longa vida. O ambiente em que a entrevista aconteceu não poderia ser mais propício: o gabinete de trabalho e biblioteca de Caro em cujas paredes se erguiam estantes abarrotadas de livros em alemão e em português. Sob o olhar atento e carinhoso de sua esposa, Nina, Herbert Caro me relatou alguns dos fatos mais significativos de sua vida. São estes fatos e mais as circunstâncias históricas de sua vinda ao Brasil que pretendo apresentar aqui neste trabalho. Inicialmente abordarei de forma concisa as circunstâncias históricas que envolvem a trajetória de vida de Caro.

2 Algumas observações sobre a situação dos judeus na Alemanha nazista

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Departamento de Letras Anglo-Germânicas. Cidade Universitária- Ilha do Fundão Av. Brigadeiro Trompowski s/n CEP 21941-590 Rio de Janeiro - RJ Fax: (21) 25517017; Tel: (21) 25536016; e-mail: izabela@alternex.com.br

Escrever sobre Herbert Moritz Caro significa falar em primeiro lugar do exílio e da perseguição nazista imposta a judeus das mais diferentes origens: alemães, austríacos, poloneses, húngaros, tchecos, franceses, italianos, enfim alemães e todos os outros povos que sofreram a ocupação nazista a partir de 1939. Os primeiros a sofrerem tal perseguição foram os judeus alemães a partir da ascensão do partido nazista ao poder na Alemanha em 1933. Não cabe aqui traçar um painel histórico das leis anti-semitas que vão sendo paulatinamente promulgadas na Alemanha e a partir de 1938 na Áustria após a anexação deste país à Alemanha, que objetivavam primeiro a exclusão dos judeus da vida pública e que culminam com a retirada da cidadania alemã segundo a lei de cidadania alemã de 25 de novembro de 1941. É com a expatriação que se inicia a deportação dos judeus alemães para os guetos nos países ocupados à leste da Alemanha (Polônia, Lituânia, Estônia e Letônia) e para os campos de extermínio também localizados em sua maioria na Polônia.³ Havia na Alemanha em 1933 cerca de 400.000 judeus de nacionalidade alemã e 109.000 de outras nacionalidades, no total em torno de meio milhão, ou seja, eles eram 0,76 % da população total. Além disto, havia cerca de 380.000 pessoas de ascendência judaica.⁴

Não cabe aqui no escopo deste trabalho fazer a crônica histórica da perseguição e extermínio dos judeus na Alemanha e em todos os outros países europeus que caíram sob o domínio nacional-socialista ou estavam sob sua esfera de influência. Esta política nacional-socialista em relação aos judeus tem duas fases principais: de 1933 a 1941 perseguição e exclusão e de 1941 a 1945 o assassinato dos judeus alemães e dos judeus dos países europeus em questão. Quanto às razões e desrazões que levaram o Estado nacional-socialista a primeiro excluir os judeus da vida pública, tirar-lhes os direitos civis, interná-los em guetos, deportá-los para campos de extermínio e implementar "racionalmente" o assassinato em massa de cerca de 6 milhões de judeus europeus, menciono aqui as reflexões sobre este tema do sociólogo Norbert Elias. Este lembra por exemplo que Hitler, já em sua obra *Mein Kampf* de 1925 recomendava o assassinato em massa dos judeus com a utilização de gás venenoso. Além disso, Elias assinala que do ponto de vista militar os pogroms e as câmaras de gás não tiveram nenhuma utilidade e que o empenho extremo de forças de trabalho e meios técnicos, exigidos para o transporte e assassinato de milhões de judeus no auge da guerra não valia a pena do ponto de vista absolutamente racional.⁵ Não cabe aqui também discutir exaustivamente as desrazões alemãs, mas ainda citando Norbert Elias, menciono as principais desrazões:

Implementar a 'solução final da questão judaica' não tem nenhum fundamento do tipo dos que comumente chamamos de 'racional' ou 'realista'. Ela significa simplesmente o cumprimento de uma crença profundamente enraizada que era central desde os inícios do movimento nacional-socialista. Segundo esta crença a grandeza atual e futura da Alemanha e da 'raça ariana', cuja personificação maior era o povo alemão, a 'pureza da raça'; e esta 'pureza', pensada em termos biológicos exigia o alijamento e se necessário o extermínio de grupos humanos 'de qualidade inferior' ou inimigos, que poderiam prejudicar a raça ariana através da miscigenação, sobretudo o alijamento e extermínio de pessoas de ascendência judaica. Hitler e seus seguidores nunca esconderam que consideravam os judeus os piores inimigos deles e da Alemanha. Para

tanto não precisavam de nenhum tipo especial de comprovação: pois era sua crença que a natureza assim o determinara através da ordem mundial e de seu criador. Eles acreditavam que os judeus, graças às suas características raciais inatas, não poderiam deixar de odiar o povo ariano-alemão superior e que se lhes fosse permitido iriam arruinar este povo.⁶

É importante ressaltar que a história desta perseguição e do extermínio de populações judaicas empreendida com afinco pelos nazistas se entrelaça e se entrecruza com a história da II Guerra Mundial e com a história do exílio inicialmente de alemães, perseguidos por razões políticas e/ou por causa das práticas anti-semitas implantadas pelo governo nazista. Não cabe aqui desenhar um quadro exaustivo do exílio e suas causas, mas sim apenas apontar algumas de suas principais características.

3 Alguns aspectos da história do exílio

O exílio não é uma invenção do século XX. Há, na história de todos os países e, em todas as épocas, relatos de perseguição e banimento de minorias. A emigração em massa de pessoas provenientes do III Reich é, entre os casos conhecidos, no entanto, única e singular. Nunca antes na história de um país ocorreu a emigração em massa dos representantes da cultura e da ciência de um povo.⁷

A história do exílio se desenrola em três fases, ligadas diretamente à consolidação inicial do regime nacional-socialista e posterior anexação da Áustria, à eclosão da II Guerra Mundial e à conseqüente invasão dos países vizinhos à Alemanha pelos exércitos nazistas. A primeira fase, que vai de 1933 a 1938, é denominada de exílio na sala de espera. Ou seja, os exilados se refugiam nos países próximos à Alemanha aguardando a tão esperada queda do regime nazista. Os principais países de asilo desta fase são: França, Tchecoslováquia, Áustria, Suíça, Holanda, União Soviética e Inglaterra.

A maior parte dos exilados refugiou-se, no entanto, nos dois primeiros países citados, os quais, em função da estabilidade de seus respectivos sistemas democráticos permitiam, e no caso da Tchecoslováquia, até incentivavam as atividades políticas dos exilados. A preferência pela proximidade geográfica explica-se também pelo fato de que inicialmente era consenso entre os exilados de todos os grupos que o nacional-socialismo teria uma vida curta no poder. Nestes países de asilo, escritores e intelectuais juntamente com grupos políticos desenvolveram sobretudo atividades políticas de denúncia do nacional-socialismo. Jornalistas fundaram jornais, editores criaram editoras para publicação de obras do exílio e grupos políticos de diferentes espectros se associaram para lutar contra o regime nazista.

Não cabe aqui traçar todas as linhas de atividade política e cultural de escritores e intelectuais. É importante assinalar, no entanto, que este primeiro período do exílio foi em termos literários, artísticos e culturais o mais frutífero. Com o correr dos anos, as condições de vida de escritores e intelectuais deterioraram-se paulatinamente, sobretudo a partir de 1937-1938. Com o recrudescimento da recessão e do desemprego ao longo dos anos 30, França, Suíça e outros países de asilo passam a

restringir a concessão de vistos de permanência assim como licenças de trabalho para os exilados. Aumenta por outro lado o êxodo, sobretudo de judeus alemães, principalmente após o pogrom (denominado pelos nazistas de *Reichskristallnacht* - noite dos cristais) e a queima de sinagogas em toda a Alemanha, realizados na noite de 9 para 10 de novembro de 1938. Com a anexação da Áustria em março de 1938, o número de exilados, que a esta altura já não são mais bem-vindos em nenhum país da Europa, cresce geometricamente. A anexação da Áustria assinala assim o fim do primeiro período do exílio.

O segundo período de 1938 a 1940 é o da fuga em massa de todos os grupos de exilados para países ultramarinos. Em março de 1939 a Tchecoslováquia, que abrigava milhares de exilados, é invadida por tropas nazistas. Os grupos provenientes desse país e da Áustria afluem para a França e Inglaterra. Finalmente, em 1º de setembro de 1939, tem início a II Guerra Mundial com a invasão alemã da Polônia. Em maio de 1940 ocorre então a invasão da Holanda, Bélgica, Luxemburgo e da França, a qual, após a rendição assinada no dia 22 de junho de 1940, fica dividida em duas partes: a parte norte do país até o sul de Paris é ocupada pelas tropas alemãs e a parte sul permanece "livre" sob o comando do governo colaboracionista do Marechal Pétain, o chamado governo de Vichy. A invasão e ocupação da França provoca então a fuga em massa dos exilados (só na França viviam cerca de 55.000 exilados alemães e austríacos), que, sobretudo de Marselha, no sul da França, tentam obter vistos para países fora da Europa, os quais por sua vez criavam todo tipo de empecilhos na concessão de vistos aos exilados. Dentro deste quadro desesperador e de luta pela sobrevivência, não causa espanto a ausência de qualquer tipo de atividade cultural.

A terceira fase de 1940 a 1945, denominada fase ultramarina, é marcada pela dispersão dos exilados em quase todos os continentes. Os EUA acolheram a grande maioria dos exilados, enquanto que a América Latina acolheu entre 75.000 e 90.000 exilados.⁸ Havia também centros de exílio em Shanghai (China), Turquia, África do Sul, Austrália, Palestina (ainda sob mandato britânico) e até na Nova Zelândia. Em todos estes países de asilo, a maior parte dos escritores produziu obras significativas, as quais em sua maioria não chegaram a ser editadas nos países de asilo. Só em alguns países (México, Argentina, EUA, e na Europa, Inglaterra) foram criadas editoras especializadas na propagação da literatura do exílio.

4 Exílio no Brasil

O mais importante país de asilo na América Latina foi a Argentina, que acolheu entre 45.000 e 50.000 refugiados.⁹ Após 1933 o Brasil se tornou o segundo mais importante país de asilo na América Latina, acolhendo apenas cerca de 16.000 emigrantes refugiados de fala alemã. Neste contexto é importante mencionar que proporcionalmente ao tamanho do país, o Brasil acolheu muito menos refugiados do que poderia ter acolhido. Este fato deve-se não só à conjuntura político-econômica da época - Era Vargas, Estado Novo, recessão econômica, simpatia declarada do governo Vargas pelos regimes fascista italiano e nazista alemão - mas também e sobretudo à impiedosa política de imigração do governo brasileiro. A partir de 1937, com a instauração do Estado Novo, a política imigratória é marcada por forte tendência anti-semita, manifesta nas circulares secretas e memorandos enviados pelo Itamarati às representações consulares brasileiras na Europa mais procuradas por refugiados, em sua maioria apátridas. Não cabe aqui traçar um painel completo da

legislação e das idéias xenófobas e anti-semitas que norteavam a política imigratória.¹⁰

Concomitantemente realizou-se no Brasil uma política de nacionalização forçada das minorias étnicas, que culmina no caso da minoria de origem alemã, com a proibição do uso público da língua alemã e com o fechamento de jornais e editoras alemãs em 1941.¹¹ Na sequência da instauração do Estado Novo em 10 de novembro de 1937, o decreto de 12 de março de 1938 proibira o funcionamento de "filiais" brasileiras de partidos estrangeiros e quaisquer atividades político-partidárias de estrangeiros. Destes fatos depreende-se que a política de nacionalização como um todo afetou profundamente não só aquelas minorias étnicas, que eram o seu alvo principal - minorias alemãs, japonesas, italianas e outras -, mas também a própria assimilação e aculturação dos refugiados de fala alemã. Não cabe, por outro lado, no escopo deste trabalho traçar um quadro exaustivo da assimilação e da aculturação sócio-econômica dos refugiados de fala alemã no Brasil. É importante assinalar que o decreto citado acima impossibilitou a criação em bases legais de organizações antifascistas de exilados, como ocorreu sobretudo na Argentina e no México. Ou seja, tanto as atividades dos partidários do nazismo e do fascismo quanto aquelas dos inimigos dos regimes nazista e fascista eram consideradas ilegais. A declaração de guerra do Brasil às potências do Eixo (Alemanha e Itália) em agosto de 1942 atinge indistintamente refugiados e membros das minorias étnicas provenientes destes países.

Quanto aos escritores e intelectuais pode-se de um modo geral constatar que a grande maioria veio para o Brasil só a partir de 1938 e em muitos casos somente porque a emigração para os Estados Unidos não era possível. O Brasil não era portanto para a grande maioria o país de asilo desejado. Ao contrário do que se aconteceu no México e na Argentina, os escritores exilados no Brasil não conseguiram, até por razões legais em função do decreto de 1941, fundar uma editora própria ou publicar em editoras brasileiras obras em alemão. Por essa razão, algumas das obras literárias ou ensaísticas destes escritores e intelectuais foram traduzidas e publicadas em francês ou em português. Além disso, grande parte das obras escritas no Brasil só foi publicada no original nos países de fala alemã da Europa após a II Guerra ou permaneceu inédita até hoje. O fato de que poucos escritores e intelectuais representativos e conhecidos se exilaram no Brasil explica também a pouca importância do Brasil enquanto local de produção de literatura do exílio. Dentre os escritores mais representativos situam-se Stefan Zweig (1881-1942);¹² Paula Ludwig (1900-1974) autora de ampla obra lírica; Leopold von Andrian-Werburg (1875-1951), poeta pertencente ao círculo de Stefan George e de Hugo von Hofmannstahl em Viena; e o poeta, romancista e dramaturgo Ulrich Becher (1910-1990). Nem Paula Ludwig nem Leopold von Andrian-Werburg escreveram ou publicaram no Brasil. Há, como já mencionado acima, algumas obras literárias de importância, dentre as quais destacam-se o romance autobiográfico *Der Schmelztiegel* (O caldeirão de culturas) de Marthe Brill (1894-1969)¹³ e a autobiografia romanceada *Seidenraupen* (O bicho-da-seda) de Hugo Simon (1880-1950)¹⁴, importante personalidade da vida política e cultural da República de Weimar. Os intelectuais mais representativos fizeram suas respectivas carreiras e se tornaram conhecidos após a II Guerra no Brasil. Dentre estes é importante mencionar: Otto Maria Carpeaux (1900-1978); Herbert Moritz Caro (1906-1991); Anatol Rosenfeld (1912-1973); Vilém Flusser (1920-1991); Paulo Rónai (1907-1992); e o casal Egon (1910-1991) e Frieda Wolff (1911).

Contam-se, entre as obra publicadas no Brasil, coletâneas de ensaios pseudo-filosóficos (*Die Totalschau des Universums* em 1945 de Walter Menzl); de ensaios literários (*A cinza do purgatório* em 1942 e *Origens e fins* em 1943 de Otto-Maria Carpeaux por exemplo); obras sobre a questão judaica (*Judeus te contemplam!* em 1945 de Erich Fraenkel por exemplo); romances históricos e/ou de entretenimento traduzidos para o português (*À sombra do Corcovado* em 1941 de Frank Arnau e *Beaumarchais, o aventureiro do século da mulher* em 1942 de Paul Frischauer por exemplo); relatos autobiográficos (*À la recherche d'un monde perdu* em 1944 de Susanne Eisenberg); e, por fim, três biografias elogiosas de Getúlio Vargas, escritas por encomenda do Departamento de Imprensa e Propaganda do Estado Novo pelos autores Paul Frischauer, Wolfgang Hoffmann-Harnisch e Hans Klinghoffer.

A seguir relato concisamente as informações que Herbert Caro me forneceu sobre sua vida na Alemanha e sobre as circunstâncias de seu exílio, em primeiro lugar na França e depois a partir 1935 no Brasil.

5 Trajetória de Herbert Moritz Caro

Caro nasceu em Berlim, filho de pais judeus alemães, em 16 de outubro de 1906. Trabalhava como advogado no Tribunal de Primeira Instância de Berlim quando sua licença foi cassada em 1933 devido à sua ascendência judaica. A cassação de sua licença para atuar como advogado se insere no contexto de uma das primeiras leis anti-semitas promulgadas pelo recém-instalado governo nazista. Trata-se da lei de exclusão de judeus dos quadros do serviço público alemão e da cassação de licença para o exercício da atividade advocatícia, denominada *Gesetz zur Wiederherstellung des Berufsbeamtentums* (Lei para o restabelecimento da carreira do funcionalismo público) de 7 de abril de 1933. Não podendo mais exercer sua profissão, Caro foi no mesmo ano para a França. Em Dijon, na Universidade, começou a estudar línguas românicas. Sobreviveu dando aulas de alemão e de tênis. Em Berlim, Caro havia sido um dos dirigentes da *Federação Alemã de Tênis de Mesa*, de 1926 a 1933. Como a situação na França se complicava para os refugiados alemães, Caro começou a procurar um outro país de asilo. Em 1934 voltou para a Alemanha, casou-se com Nina Zabłudowski, judia de origem polonesa, e começou a providenciar sua emigração para o Brasil. Chegaram a Porto Alegre em maio de 1935. Nesta época ainda era relativamente fácil se conseguir vistos de entrada para o Brasil, já que ainda vigia a Lei imigratória de 16 de maio de 1934, que previa a imigração por meio de cartas de chamada. A partir de 1937 no entanto a legislação de restrição da imigração é acompanhada pelas famigeradas circulares secretas, mencionadas acima, de cunho anti-semita destinadas a reprimir e impedir a imigração judaica para o Brasil.

Junto com outros refugiados, entre os quais Fritz Oliven, um conhecido libretista de operetas que escrevia sob o pseudônimo de *Rideamus*, Caro fundou a *Sociedade Israelita do Brasil* em 29 de agosto de 1936. A esposa de Caro, Nina, dirigia a *Frauenverein*, a ala feminina. A criação desta entidade beneficente foi destacada por Caro em sua entrevista como uma de suas realizações mais importantes.

Muitos refugiados conseguiram, com auxílio dessa organização, trazer para o Brasil parentes ameaçados pela perseguição nazista na Europa. Foi com orgulho que Caro relatou em sua entrevista que conseguiu trazer para o Brasil seus pais e os pais de sua esposa logo após a *Noite dos Cristais* de 9 de novembro de 1938. A vinda dos pais de Caro corresponde a um curtíssimo período de afrouxamento das

diretrizes anti-semitas da legislação imigratória brasileira. “Enviávamos nossas mulheres ao Itamaraty no Rio de Janeiro. Mulheres sabem chorar. E nós esperávamos que elas conseguissem amolecer os corações duros dos funcionários”.¹⁵

Em depoimento sobre a história da SIBRA, Caro comenta sua filiação à esta entidade com as seguintes palavras: “Eu me filiei à SIBRA, inicialmente, por simples solidariedade, aos poucos, posso dizer, me tornei realmente judeu”. Completa seu depoimento com as seguintes palavras: “O judaísmo não fazia parte da minha vida, mas Hitler mostrou a todos, rapidamente, o caminho de volta a ele”.¹⁶

Outro fato marcante, destacado por Caro em sua entrevista, diz respeito à proibição do uso público da língua alemã, assim como o fechamento de jornais e editoras alemãs a partir de 1941. Tal proibição estava dentro do contexto da política de nacionalização forçada das minorias étnicas, denominadas à época de “quistos étnicos”. A proibição do uso da língua alemã atinge assim não só as colônias alemãs no Brasil, mas também os refugiados provenientes dos países de fala alemã.

Caro mencionou também em sua entrevista outro fato extremamente injusto que o afetou e todos refugiados vindos da Alemanha e da Áustria a partir de 1942. Após o rompimento das relações diplomáticas do Brasil com a Alemanha, a Itália e o Japão em janeiro de 1942, os alemães, austríacos, italianos e japoneses assim como os refugiados viram-se entregues à paranóia da segurança, ou seja, eram considerados ameaças à segurança nacional. Além disso, em março de 1942, todos foram intimados a indenizar os prejuízos decorrentes do torpedeamento de navios brasileiros. O *Banco do Brasil* passou a confiscar 10, 20, ou 30% do patrimônio e do salário dessas pessoas, de acordo com o montante de suas respectivas contas bancárias. Caro relatou que 10% de seu salário eram confiscados mensalmente a partir de agosto de 1942. Depois que o Brasil declara oficialmente guerra à Alemanha em 22 de agosto de 1942, e de acordo com a lei nr. 4638 de 31 de agosto, os empregadores podiam demitir sem aviso prévio “os súditos das nações às quais o Brasil havia declarado guerra”.¹⁷

Ficou claro na entrevista que Caro não podia ser classificado como exilado político, pois não desenvolveu nenhum tipo de atividade explicitamente anti-fascista durante os anos de vigência do nazismo. A vinda para o Brasil foi segundo ele definitiva, ou seja, ele não pretendia retornar para a Alemanha após uma eventual derrota do nazismo. O ano de sua vinda para o Brasil, 1935, indica também que Caro pretendia se fixar definitivamente no Brasil.

Caro trabalhou por 10 anos na editora *Globo*, como tradutor e editor. Esta editora contava desde 1935 com o escritor Érico Veríssimo, que exercia a função de Conselheiro Editorial. Entre outros traduziu Thomas Mann, Emil Ludwig, Oskar von Wertheimer, Hermann Hesse e Elias Canetti. Escreveu ensaios sobre arte e literatura para jornais e revistas brasileiras, assim como os dicionários Português - Alemão e Português - Latim. Em 1960 o Ministério da Educação publicou uma coletânea de seus ensaios com o título de *Balcão de Livraria*,¹⁸ que contém suas crônicas publicadas no jornal *Correio do Povo*. Além disso, foi a partir de 1956 co-fundador e administrador por longos anos da biblioteca do *Instituto Goethe* de Porto Alegre.

Caro foi sem dúvida o tradutor mais conhecido do idioma alemão para o português. Juntamente com Anatol Rosenfeld em São Paulo, Otto Maria Carpeaux e Paulo Rónai no Rio de Janeiro, Caro formou o quarteto mais afinado que o Brasil já teve no campo do intercâmbio cultural entre o Brasil e as letras germânicas.

Notas

¹ Publicada em Frankfurt pela Editora Peter Lang em 1992.

² A versão para o português foi feita por Karola Zimmer e publicada pela Editora da Universidade de São Paulo em 2003.

³ Existe uma ampla literatura sobre os temas abordados aqui. Cito aqui apenas a obra fundamental de Raul Hilberg: *Die Vernichtung der europäischen Juden* em 3 volumes. Frankfurt, Fischer, 1991. Quanto à questão específica das leis anti-semitas impostas aos judeus alemães, vide: Kai Henning & Josef Kestler: “Die Rechtstellung der Juden”, In: Staatsrecht und Staatsrechtslehre im Dritten Reich. Org. por E-W. Böckenförde. Heidelberg, C. F. Müller, 1985.

⁴ ROSCH, Lea & JÄCKEL, Eberhard. *Der Tod ist ein Meister aus Deutschland. Deportation und Ermordung der Juden. Kollaboration und Verweigerung in Europa*. Munique, Deutscher Taschenbuch Verlag, 1992. p. 15.

⁵ ELIAS, Norbert. *Studien über die Deutschen: Machtkämpfe und Habitusentwicklung im 19. und 20. Jahrhundert*. Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag, 1991. p.402-3.

⁶ Id.Ibid. p. 403-4.

⁷ BERG, Jan & BÖHME, Hartmut et al. Sozialgeschichte der deutschen Literatur von 1918 bis zur Gegenwart. Frankfurt a. M., Fischer, 1981. p. 419.

⁸ VON ZUR MÜHLEN, Patrik. *Fluchtziel Lateinamerika. Die deutsche Emigration 1933-1945: politische Aktivitäten und soziokulturelle Integration*. Bonn, Neue Gesellschaft, 1988. p. 49.

⁹ ROJER, Olga Elaine. *Exile in Argentina 1933-1945. A historical and literary introduction*. Frankfurt a. M., Peter Lang, 1989. p. 1.

¹⁰ Vide entre outros: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O anti-semitismo na era Vargas: Fantasmata de uma geração (1930-1945)*. São Paulo, Brasiliense, 1988; KOIFMAN, Fábio. *Quixote nas trevas: O Embaixador Souza Dantas e os refugiados do nazismo*. Rio de Janeiro, Record, 2002; LESSER, Jeffrey. *O Brasil e a questão judaica: Imigração, Diplomacia e Preconceito*. Rio de Janeiro, Imago, 1995.

¹¹ OBERACKER, Karl Heinrich. “Die Vernichtung der deutschsprachigen Presse in Brasilien im Jahre 1941”. São Paulo, Instituto Hans Staden, s.d.

¹² Stefan Zweig foi indubitavelmente o escritor de fala alemã mais conhecido no Brasil durante esta época. Sobre sua vida e sua trajetória no Brasil, há a magnífica biografia de Alberto Dines, intitulada *A morte no paraíso. A tragédia de Stefan Zweig*, publicada em terceira edição ampliada no Rio de Janeiro pela editora Nova Fronteira em 2004.

¹³ Esta obra foi publicada no original em alemão pela Editora *Büchergilde Gutenberg* da cidade de Frankfurt em 2002. Nunca foi traduzida para o português.

¹⁴ Esta autobiografia romanceada infelizmente nunca foi publicada nem na Alemanha nem no Brasil. Permanece inédita.

¹⁵ Entrevista com Herbert Moritz Caro, Porto Alegre, 18/12/1988.

¹⁶ “Nossa História. A história dos primórdios da SIBRA. Um pequeno relato da história da imigração judaico-alemã no Rio Grande do Sul”. Disponível em: <http://www.sibra.org.br/historia.htm> . Acesso em 13/06/2006.

¹⁷ Lei nr. 4638, Revista de Imigração e Colonização, Rio de Janeiro, Ano III, dez. 1942, nr. 3 e 4, p. 3.

¹⁸ Questionário preenchido por Herbert Moritz Caro, datado de 25 de fevereiro de 1971 (Localização e inventário de fontes sobre a emigração alemã 1933-1945), In: Institut für Zeitgeschichte/Munique.